

A IMPORTÂNCIA E USO DA LITERATURA INFANTIL NO PROGRESSO DA LEITURA.

Thaís Oliveira Andrade¹

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

Resumo:

O estudo do presente artigo tem por objetivo fazer uma reflexão sobre a importância da literatura infantil para o desenvolvimento da leitura em sala de aula, mostrando como a utilização de textos literários na construção do processo ensino-aprendizagem pode ser utilizado para o desenvolvimento e construção do conhecimento, levando em conta as múltiplas formas de contribuir para o processo efetivo do hábito da leitura, apontando o professor como mediador desse processo, que através de suas práticas metodológicas que envolvem a literatura infantil, pode contribuir para o permanente hábito da leitura em seus alunos.

Palavras-Chaves: Literatura Infantil, leitura, professor, práticas metodológicas.

Abstract:

The study of this article aims to reflect on the importance of children's literature for the development of reading in the classroom, showing how the use of literary texts in the construction of the teaching-learning process can be used for the development and construction of knowledge, taking into account the many ways to contribute to the process of effective reading habits, pointing to the teacher as mediator of this process, which through its methodological practices involving children's literature, can contribute to the permanent habit of reading in their students.

Key Words: Children's Literature, reading, teacher, methodological practices.

¹Professora, graduada em Pedagogia, pós-graduanda em Educação Infantil pela UESB.

A literatura infantil vem a surgir no século XVII com a função de educar moralmente as crianças. As histórias têm por finalidade demarcar claramente o *bem* a ser aprendido e o *mal* a ser desprezado. A maioria dos contos de fadas, contos, fábulas e mesmo muitos textos contemporâneos incluem-se nessa tradição. Os textos mais ricos, no entanto, são aqueles que apresentam personagens complexos não notadamente bons ou maus em situações que demandam escolha e reflexão sobre as conseqüências da mesma. São também aqueles que condensam múltiplas interpretações (e aqui se revelam suas qualidades estéticas), pois evidenciam para a criança que são muitas as possibilidades de ser, se aproximando da própria complexidade da vida. São, enfim, aqueles que tratam dos problemas da criança: dirigindo-se às suas fantasias, 'falando' às suas emoções, respondendo à sua necessidade de não se contentar com sua própria vida.

Nesse sentido, Marisa Lajolo afirma que a literatura infantil é um forte veículo transformador, que tem a capacidade de estimular nosso lado fantasioso e emotivo para um ato reflexivo do mundo e de tudo que nos cerca, seja através da cultura, preceitos, conceitos ou valores.

Em movimento de ajustes sutis e constantes, a literatura tanto gera comportamentos, sentimentos e atitudes, quanto, prevendo-os, dirige-os, reforça-os, matiza-os, atenua-os; pode revertê-los, alterá-los. É, pois, por atuar na construção, difusão e alterações de sensibilidades, de representações e do imaginário coletivo, que a literatura torna-se um fator importante na imagem que socialmente circula, por exemplo, de criança e de jovem. (LAJOLO, op.Cit. p. 26-27).

Como a literatura infantil prescinde do imaginário das crianças, sua importância se dá a partir do momento em que elas tomam contato oralmente com as histórias, e não somente quando se tornam leitores

Quanto ao Brasil, segundo Coelho (1983), devemos tomar a obra de José Bento Monteiro Lobato como um marco da literatura infantil nacional. Como a literatura infantil aguça o imaginário das crianças, sua importância se dá a partir do momento em que elas tem contato com tais literaturas.

Com isso, poderíamos prever que, quando usamos a literatura para ensinar a escrever, além de tornarmos o processo mais lúdico e significativo, também fazemos os alunos produzirem de diversas formas como: a criação de textos, produção de desenhos, assim excitar sua imaginação e melhorando a produção de sua escrita e de suas histórias. Isso porque a literatura, quando usada como suporte pedagógico para a alfabetização, a engrandece e é engrandecida por ela.

Desde muito cedo, então, a literatura torna-se uma ponte entre histórias e imaginação, já que “é ouvindo histórias que se pode sentir... e enxergar com os olhos do imaginário... abrir as portas à compreensão do mundo”. (ABRAMOVICH, 1995, p.17).

Justamente por isso que o uso da literatura infantil como parte integrante do processo de alfabetização é muito importante, e tal importância e uso são crescentes na educação formal brasileira. Isso porque a educação contemporânea prevê que, unindo-se literatura e alfabetização, a criança entraria em contato com o mundo letrado não só ampliando seu vocabulário e proporcionando maior conhecimento da formação de textos, mas também exercitando o poder de sua imaginação.

Segundo Cagliari (1997, p.148):

“A atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos é a leitura. E muito mais importante é saber ler do que escrever. O melhor que a escola pode oferecer aos alunos deve estar voltado à leitura”.

Além disso, a escola é o espaço de trocas de saberes e de transformação social por meio da formação cidadã. Por isso, a escola deve se responsabilizar com a formação de sujeitos leitores e reconhecer a leitura como uma prática humana e de inclusão social do aluno.

O professor entra nesta abordagem como mediador do conhecimento, para mediar às fontes de informações e conhecimento, agindo de um modo coletivo já que o saber se dá na troca de vivências e experiências. O hábito da leitura não se aprende de forma rápida e compulsória na escola. É algo que faz parte de padrões culturais de uma sociedade. A escola contribui para estruturá-la, organizá-la e torná-la sistematizada, formalizada.

Muito se tem discutido sobre a importância da leitura na escola. Porém, percebe-se que inúmeras dificuldades têm sido encontradas no espaço escolar, para a efetivação das práticas de leitura que possibilitem a formação de leitores. E com isso, é preciso abordar à postura do professor quanto leitor.

Sabemos que as crianças aprendem mais em decorrência da imitação dos adultos, do que por intermédio de orientações e instruções propostas. Assim sendo, os alunos tomam os professores como exemplos, de bons ou maus leitores, o aluno percebe facilmente a importância e o valor que é atribuído pelo professor à leitura. O educador não precisa ser especialista na área da literatura, o importante é estar aberto a todas as possibilidades que o texto transporta para a vida.

É de suma importância, que o professor incentive o gosto pela leitura, para que a sociedade tenha seus indivíduos como sujeitos da sua história, homens e mulheres que façam cultura e que impulsionem a transformação, fundamentados em princípios humanos de liberdade e solidariedade.

No Brasil, não temos tradição cultural no que diz respeito à leitura, vive-se em uma sociedade que pouco valoriza, desenvolve e estabelece tais práticas. Pode-se confirmar esta realidade, levando-se em conta que, pelas condições do desenvolvimento histórico e cultural do país, a leitura, enquanto atividade de lazer e atualização e busca de conhecimento, sempre se restringiu a uma minoria de indivíduos que teve acesso à educação formal, e, portanto, ao livro. Neste sentido, a

escola, mais especificamente, o professor, necessita estabelecer vínculos prazerosos com a leitura, buscando o prazer, o lazer e o conhecimento.

A intencionalidade da atuação de um professor com o intuito de promover a alfabetização no ambiente escolar, usufruindo da literatura infantil, deveria ser de agir de forma a disponibilizar o lúdico e o significativo para os alunos através da literatura. Isto sem, no entanto, usá-la como artifício ou simples pretexto para ensinar ortografia ou gramática.

Enfoca Barreto (2000) que

O professor hoje é aquele que ensina o aluno a aprender e a ensinar a outrem o que aprendeu. Porém, não se trata aqui daquele ensinar passivo, mas do ensinar ativo no qual o aluno é sujeito da ação, e não sujeito-paciente. Em última instância, é preciso ficar evidente que o professor agora é o formador e como tal precisa ser autodidata, integrador, comunicador, questionador, criativo, colaborador, eficiente, flexível, gerador de conhecimento, difusor de informação e comprometido com as mudanças desta nova era.

Logo, as práticas metodológicas do professor precisam estar embasadas nos alunos. A leitura, nas escolas, tem caráter secundário ao da escrita, à leitura é vista como uma atividade extra na aula que, normalmente, acontece, quando os alunos terminam a lição, ou quando sobra tempo. A leitura precisa ocupar horário “nobre” da aula. A escola precisa viabilizar tempo para a leitura, e nem sempre os professores estabelecem boas relações com os livros e com a leitura; há alguns que afirmam que não gostam de ler; outros que não vêem a leitura como lazer; outros que as poucas leituras que fazem são quase que, exclusivamente, para a preparação das aulas.

O educador é um elemento impulsionador, mediador da leitura, criando em sua sala de aula condições para que seus alunos possam ler. Dessa forma, ao conquistar o ato de ler, dentro das condições propícias, o professor e o aluno estarão ampliando seus conhecimentos, participando ativamente da vida social, alargando a visão de mundo, do outro e de si mesmo, o que poderá ser revertido em incremento do trabalho pedagógico.

Quando se pretende formar leitores o educador deve estar disposto a criar expectativas de leitura, antecipar sentidos, mudar, transformar, adaptar e enriquecer a sua prática educativa. É preciso, então, um professor-leitor, que compartilhe com os alunos o passaporte imprevisível e maravilhoso dos livros. É preciso que os professores conheçam a natureza da literatura, as obras, os autores, que saibam selecionar textos e tenham se apropriado do conhecimento para estabelecer, com os alunos, as relações possíveis.

Quando uma criança não se interessa pela leitura, é o professor quem deve criar situações mais envolventes. O próprio interesse e envolvimento do professor com a leitura servem como modelo indispensável: ninguém ensina uma criança a ler bem se não se interessa pela leitura.

Ler diariamente para os alunos é uma atividade imprescindível para criar-se o hábito de leitura. Ler para a transformação, para consciência social, para a mudança social. A leitura só despertará interesse quando interagir com o leitor, quando fizer sentido e trazer conceitos que se articulam com as informações que já se tem. Melo (1999, p. 77) defini que “a leitura não é um ato que se dá apenas pelo domínio alfabético. Trata-se de uma ação dotada de profundo sentido social-participação, criação, construção”.

A leitura compartilhada em voz alta pelo professor incentiva o interesse, o gosto de ler. O professor precisa conversar sobre o tema escolhido, informar a biografia do autor, sua origem; tais aspectos são fundamentais para situar a importância do contexto proposto.

Lendo diversos gêneros e portadores textuais, ouvindo contos, notícias, poemas, textos informativos, histórias em quadrinhos é que oportunizaremos o acesso a tudo o que a escrita e a leitura representa, dentro e fora da escola. Ou seja, os alunos precisam saber que lemos por diferentes razões e que não lemos todos os textos da mesma forma.

De acordo ao PCN BRASIL (1997, p. 54):

A leitura na escola tem sido fundamentalmente, um objeto de ensino. Para que possa constituir também objeto de aprendizagem, é necessário que faça sentido para o aluno, isto é, a atividade de leitura deve responder do seu ponto de vista, os objetivos de realização imediata. Como se trata de uma prática social complexa, se a escola pretende converter a leitura em objeto de aprendizagem deve preservar sua natureza e sua complexidade, sem descaracterizá-la.

Essa compreensão de leitura na escola pelos PCN BRASIL mostra que o conhecimento atualmente discutido a respeito de processo de leitura indica que não deve ensinar a ler por meio de práticas centradas na decodificação, ao contrário, é preciso oferecer aos alunos inúmeras oportunidades de aprenderem a ler usando procedimentos que os bons leitores utilizam. Assim, significa que é preciso que antecipem as ações do ato de ler e que façam inferências a partir do contexto ou do conhecimento prévio que possuem, pois, uma prática de leitura na escola pressupõe o trabalho com a diversidade de objetivos, modalidades e textos que caracterizam as práticas de leitura de fato.

Portanto, na formação de leitores, é necessário dominar as diferentes estratégias de leitura (antecipação, inferência, decodificação e verificação), para adequá-las aos diferentes objetivos e situações presentes no mundo letrado. O domínio das estratégias de leitura decorre de uma prática viva do ato de ler de um lado, vivenciando os diferentes modos de ler existentes nas práticas sociais de outro, respondendo aos diferentes propósitos de quem lê.

A criança não se transforma em um leitor de um dia para o outro, ela percorre um trajeto cujas bases são as concepções iniciais do que é ler. E esse trajeto tem início a partir do momento em que as condições do meio lhe sejam favorável. Diante do exposto percebe-se que contribuir para a construção de leitores, é contribuir para a formação de indivíduos melhores, mais críticos e mais democráticos, tornando-os mais preparados para os desafios do mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, FANI, Literatura Infantil: gostosuras e bobices. São Paulo; Scipione, 1995;

BARBOSA, José Juvêncio. Alfabetização e Leitura. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 1994;

CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização & Lingüística. São Paulo; Scipione, 2000;

CUNHA, Valdir. O papel da escola no desenvolvimento da leitura e na formação do leitor. Disponível: www.pontoporponto.org.br acessado em 25/05/2010 às 11:35hs;

FERRERO, Emília e TEBEROSKY, ANA. *Psicogênese da Língua Escrita*. Porto Alegre; Artmed, 1999;

PICANÇO, Zilda Ferreira. A importância da leitura e sua aplicação no Ambiente Escolar. Disponível em: www.portalmec.gov.br acessado em 08/04/2010 às 9:26;

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2002;

ZIBERMAN, Regina. **A Literatura na Escola**. São Paulo – Global, 2003;

YUNE, Eliana (Org.). **Pensar a Leitura: complexidade**. Rio de Janeiro: Loyola, 2002;

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura**. 8ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2002;